

MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DO SETOR ENERGÉTICO

ANÁLISE PERIÓDICA DO SETOR ENERGÉTICO

*Boletim trimestral de análise da conjuntura energética
(ref.: out-dez/07)*



Empresa de Pesquisa Energética

Ministério de
Minas e Energia





GOVERNO FEDERAL

Ministério de Minas e Energia

Ministro (Interino)

Nelson José Hubner Moreira

Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético

Márcio Pereira Zimmermann

Diretor do Departamento de Planejamento Energético

Iran de Oliveira Pinto

MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA

ANÁLISE PERIÓDICA DO SETOR ENERGÉTICO

*Boletim trimestral de análise da
conjuntura energética (ref.: out-
dez /07)*



Empresa de Pesquisa Energética

Empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, a EPE tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinadas a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

Presidente

Maurício Tiomno Tolmasquim

Diretor de Estudos Econômicos e Energéticos

Amílcar Guerreiro

Diretor de Estudos de Energia Elétrica

José Carlos de Miranda Farias

Diretor de Estudos de Petróleo, Gás e Biocombustível

Gelson Baptista Serva (Interino)

Diretor de Gestão Corporativa

Ibanês César Cássel

Coordenação Geral

Maurício Tiomno Tolmasquim

Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

Renato Pinto de Queiroz

Juarez Castrillon Lopes

Coordenação Técnica

Ricardo Gorini de Oliveira

Equipe Técnica

Marina Tavares

Renata de Azevedo Moreira

Ana Tereza Muiylaert Salek (estagiária)

Daniele Alcantara de Sousa (estagiária)

Débora Cardoso da Silva Baptista (estagiária)

URL: <http://www.epe.gov.br>

Sede

SAN – Quadra 1 – Bloco B – Sala 100-A
70041-903 - Brasília – DF

Escritório Central

Av. Rio Branco, n.º 01 – 11º Andar
20090-003 - Rio de Janeiro – RJ

APRESENTAÇÃO

O Boletim trimestral de análise da conjuntura energética é uma série trimestral, apresentando uma síntese das principais estatísticas da conjuntura econômico-energética. Esta publicação se propõe a estudar o mercado de energia e sua interação com a economia.

As informações serão utilizadas no processo de elaboração de cenários de produção e uso da energia e no acompanhamento de variáveis pertinentes, que possam subsidiar os estudos de planejamento energético de longo prazo, como o Plano Nacional de Energia e a Matriz Energética.

SUMÁRIO

1. CONJUNTURA ENERGÉTICA	5
2. DESTAQUE DOS ENERGÉTICOS NA ECONOMIA	28
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Tarifas médias ao consumidor final - Regional e Brasil (R\$/MWh) – Junho/2007</i>	
<i>Tabela 2 - Tarifa⁽¹⁾ de energia elétrica vigente – distribuidoras - por subgrupo (R\$/MWh) – atualizado até novembro/2007</i>	5
<i>Tabela 3 - Calendário de Reajuste Anual de tarifa de energia elétrica e os respectivos percentuais – distribuidoras – 2007</i>	6
<i>Tabela 4 - Resultado do Leilão de Transmissão</i>	7
<i>Tabela 5 - Venda MW médio nos leilões por fonte (1 lote/MW med)</i>	8
<i>Tabela 6 - Reajuste das tarifas de gás natural canalizado (%) – comparativamente ao penúltimo reajuste realizado</i>	18
<i>Tabela 7 - Tarifas de Gás Natural por distribuidora e classe de consumo – 2007 (R\$/m³)</i>	18
<i>Tabela 8 - Consumo-médio de gás natural, fornecido pelas distribuidoras, por classes, no trimestre - julho a setembro - (10⁶ m³/dia)</i>	20
<i>Tabela 9 - Estrutura de ponderação do IPCA e variação no mês de novembro/07 e no trimestre (ago/07-nov/07) dos itens de energia</i>	29
<i>Tabela 10 - Variação percentual do IPA, IPC e INCC, assim como dos subgrupos de maior influência no resultado</i>	30
<i>Tabela 11 - Importações de combustíveis</i>	32
<i>Tabela 12 - Exportações de combustíveis</i>	32

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Tarifa de Uso do Sistema de Transmissão na Geração por Estado -2007 (R\$/kW mês)</i>	6
<i>Figura 2 - Tarifa de Uso do Sistema de Transmissão por Distribuidora - 2007 (R\$/kW mês)</i>	7
<i>Figura 3 - Leilões de Geração (R\$/MWh) - Corrigidos pelo IPCA – Nov/2007</i>	8
<i>Figura 4 - PLD (R\$/MWh)</i>	9
<i>Figura 5 - Energia armazenada por região (% do valor máximo)</i>	9
<i>Figura 6 - Geração de Energia Elétrica – SIN (GWh)</i>	9
<i>Figura 7 - SE/CO - Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009</i>	10
<i>Figura 8 - Figura - Norte – Curva de Operação da Região Norte – Biênio 2008/2009</i>	10
<i>Figura 9 - NE - Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009</i>	10
<i>Figura 10 - Sul – Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009</i>	10
<i>Figura 11 - Consumo total por classe de consumo (GWh)</i>	11
<i>Figura 12 - Consumo total por estado (GWh)</i>	12
<i>Figura 13 - Distribuição da produção acumulada (jan-out) de biodiesel por Estado</i>	12
<i>Figura 14 - Produção nacional de biodiesel puro ou B100 (milhões m³)</i>	12
<i>Figura 15 - Cotação do óleo de soja (US\$/ton métrica)</i>	13

<i>Figura 16 - Leilões Públicos de Compra de Biodiesel (R\$/m³)</i>	14
<i>Figura 17 - Produção e consumo nacional de álcool (milhares m³)</i>	15
<i>Figura 18 - Síntese dos preços médios do álcool - Brasil (R\$/l)</i>	15
<i>Figura 19 - Evolução do preço médio do álcool hidratado combustível (com impostos) - (R\$/l)</i>	16
<i>Figura 20 - Exportação de álcool etílico desnaturado (milhões de litros) – acumulado (jan-out) 2007</i>	16
<i>Figura 21 - Preços médios do gás natural (US\$/MMBTU)</i>	17
<i>Figura 22 - Preço do GNV ao consumidor por região (R\$/m³)</i>	19
<i>Figura 23 - Produção de gás natural (10⁶ m³)</i>	19
<i>Figura 24 - Preço-médio de importação de gás natural (US\$/MMBTU)</i>	19
<i>Figura 25 - Preço médio do petróleo (US\$/barril)</i>	21
<i>Figura 26 - Exportação de óleos brutos de petróleo em 2007 (milhares m³) – acumulado (jan-set) 2007</i>	22
<i>Figura 27 - Importação de óleos brutos de petróleo em 2007 (milhares m³) – acumulado (jan-set) 2007</i>	22
<i>Figura 28 - Exportação brasileira de gasolina em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007</i>	23
<i>Figura 29 - Série de preço médio da gasolina - Brasil (R\$/l)</i>	24
<i>Figura 30 - Série de preço médio do GLP - Brasil (R\$/13Kg)</i>	25
<i>Figura 31 - Market Share 2007 – GLP</i>	25
<i>Figura 32 - Série de preços médios do diesel - Brasil (R\$/l)</i>	26
<i>Figura 33 - Volume importado e exportado de óleo diesel no trimestre julho/setembro (m³)</i>	26
<i>Figura 34 - Exportação de óleo diesel em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007</i>	27
<i>Figura 35 - Importação de óleo diesel em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007</i>	27
<i>Figura 36 - Principais resultados do PIB a preço de mercado (%)</i>	28
<i>Figura 37 - Indústria- Refino de petróleo e produção de álcool (variação em %)</i>	28
<i>Figura 38 - Produção física industrial por subsetor industrial de energia – taxa (%) trimestre/mesmo trimestre do ano anterior</i>	28
<i>Figura 39 - Preço-médio das importações de combustíveis (em US\$/ton)</i>	32
<i>Figura 40 - Preço-médio das exportações de combustíveis (em US\$/ton)</i>	32

1. Conjuntura Energética

ELETRICIDADE

A tarifa média total de energia elétrica em junho foi de R\$ 258,1/MWh, com um aumento de 1,3% frente a observada em abril, conforme dados da Aneel. Contribuíram para esse incremento as tarifas de todas as classes de consumo, exceto a Residencial – queda de 0,3%. Com os maiores aumentos na tarifa, destacam-se a classe Industrial e o Serviço Público, com um avanço de 3,6% e 3,3%, respectivamente. Dentre as regiões, Sudeste e Centro-Oeste tiveram o maior aumento de tarifa, a primeira 1,7% e a última 1,9% e, a menor tarifa foi verificada no Sul do país (R\$ 226,3/MWh).

Tabela 1 - Tarifas médias ao consumidor final - Regional e Brasil (R\$/MWh) – Junho/2007

Classe de Consumo	N	NE	SE	S	CO	Brasil
Residencial	293,00	276,29	313,32	278,78	302,90	300,46
Industrial	215,88	207,98	224,66	204,44	220,58	216,88
Comercial	291,06	290,29	279,42	252,75	282,33	278,08
Rural	217,39	177,32	202,29	150,35	207,04	181,15
Poder Público	306,90	317,77	290,78	277,82	291,52	296,90
Iluminação Pública	166,06	171,79	171,84	145,66	165,11	167,03
Serviço Público	188,31	183,21	199,04	180,17	184,24	191,36
Consumo Próprio	286,94	303,51	303,24	244,79	297,65	294,58
Tarifa Média Total	263,51	250,69	269,34	226,29	263,42	258,07

Fonte: Dados ANEEL.

Desagregando as tarifas médias regionais para algumas distribuidoras, por subgrupo, obtêm-se as tarifas abaixo:

Tabela 2 - Tarifa⁽¹⁾ de energia elétrica vigente – distribuidoras - por subgrupo (R\$/MWh) – atualizado até novembro/2007

	A2	A3	A3a	A1	B1 Residencial	B1 Baixa Renda ²
AES-SUL	135,1	135,1	-	135,1	291,2	262,0
Ampla	133,8	134,4	150,8	-	359,7	314,6
Celipa	86,9	86,9	193,5	-	267,9	241,1
Cemat	167,4	167,4	172,8	-	328,8	295,9
Cemig	160,1	160,1	171,5	160,1	433,2	378,8
Coelba	127,1	127,1	133,2	127,1	369,6	323,3
CPFL	176,5	176,5	187,9	-	337,8	295,5
Eletropaulo	126,0	-	192,1	-	246,1	215,2
Light	144,9	-	164,3	-	301,8	264,0
RGE	179,9	179,9	186,2	179,9	329,7	296,8

Notas:

(1) Energia. Inclui TUSD e TE; exclui ICMS e COFINS.

Subgrupos A2, A3 e A1: tarifa horo-sazonal azul fora de ponta - seca; para os demais: tarifa convencional.

(2) Consumo mensal de:

- 101 a 140 KWh - Celipa, Coelba, Ampla, Light e Cemat

- 101 a 160 KWh - RGE e AES-SUL

- 101 a 180 KWh - Cemig

- 101 a 200 KWh - CPFL e Eletropaulo

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Aneel.

Dentre as distribuidoras, verifica-se a mais baixa tarifa da classe de consumo residencial (sem tributos e outros elementos que fazem parte da conta de luz) na área de concessão da Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), R\$ 0,19905/kWh

Em outubro, a Bandeirante e a CPFL Piratininga tiveram redução tarifária de 9,32% e 10,11% respectivamente. A Light em seu reajuste anual de novembro sofreu redução de 4,79%.

(vigência:

30/11/2007 a 29/11/2008) e a mais elevada na da CEMIG Distribuição S/A., R\$ 0,43315 /kWh (vigência: 08/04/2007 a 07/04/2008).

Em outubro duas distribuidoras de São Paulo - Bandeirante e CPFL Piratininga, passaram pelo processo de revisão tarifária periódica. Os consumidores das áreas de concessão destas tiveram redução tarifária de 9,32% e 10,11%, respectivamente. O reajuste negativo reflete o aumento de produtividade das empresas, a redução do custo médio de capital (que define a remuneração das concessionárias) e a diminuição da Conta de Consumo de Combustíveis Fósseis (CCC). Para as duas distribuidoras em análise, o reajuste na rede de baixa tensão (residências) foi de -13,09% e -13,06%, respectivamente, já para o subgrupo A1 da rede de alta tensão este foi em média de -15,35% e -23,88%, respectivamente.

Tabela 3 - Calendário de Reajuste Anual de tarifa de energia elétrica e os respectivos percentuais – distribuidoras – 2007

Concessionária	Reajuste Anual	%
CELB	04/fev	2,94
AMPLA	15/mar	1,90
ENERSUL	08/abr	8,05
CEMAT	08/abr	8,84
CPFL	08/abr	7,06
CEMIG	08/abr	9,43
RGE	19/abr	6,05
AES-SUL	19/abr	3,83
COELBA	22/abr	7,34
COSERN	22/abr	5,51
COELCE*	22/abr	-6,35
ENERGIPE	22/abr	2,18
CELPE	29/abr	12,45
COPEL	24/jun	-1,22
ELETROPAULO*	04/jul	-8,43
CELESC	07/ago	-1,72
CELPA*	07/ago	-9,65
ESCELSA*	07/ago	-2,16
ELEKTRO*	27/ago	-18,52
BANDEIRANTE*	23/out	-9,32
CPFL Piratininga*	23/out	-10,11
LIGHT	07/nov	-4,79

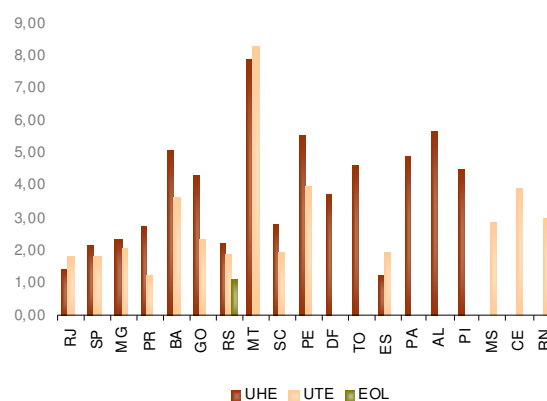
Nota: *concessionárias que passaram pela 2ª Revisão Tarifária em 2007

Fonte: Dados ANEEL.

Quanto ao reajuste anual, em novembro as tarifas da Light foram reajustadas com efeito médio sobre todos os consumidores de -4,79%. Houve uma redução de 5,30% na tarifa residencial (baixa tensão) e de 5,29% para o subgrupo A2 (rede de alta tensão).

Além da parcela de distribuição, a TUST (Tarifa de Uso do Sistema de Transmissão) é um dos componentes do custo da tarifa paga pelo consumidor final. Os gráficos a seguir destacam os valores médios da TUST por Estado e por distribuidoras selecionadas, referentes ao período tarifário iniciado em 1º de julho do presente ano até 30 de junho de 2008.

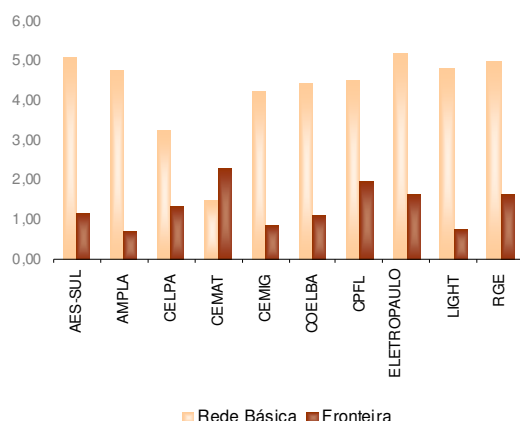
Figura 1 - Tarifa de Uso do Sistema de Transmissão na Geração por Estado -2007 (R\$/kWmês)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANEEL.

O estado do Mato Grosso (MT) apresenta a maior TUST enquanto o Espírito Santo (ES) e o Rio de Janeiro (RJ) apresentam as menores. Destaque para a pouca diferença entre as TUST's incidentes sobre UHE e UTE para um mesmo estado, sendo a primeira superior a segunda na maioria dos casos.

Figura 2 - Tarifa de Uso do Sistema de Transmissão por Distribuidora - 2007 (R\$/kW mês)



Nota: A tarifa de Uso dos Sistemas Elétricos de Transmissão (TUST) é um encargo legal do setor elétrico que incide sobre os consumidores conectados aos sistemas elétricos das concessionárias de transmissão. É também um dos componentes do preço nos contratos de energia elétrica de grandes consumidores (eletro-intensivos), especificamente no que diz respeito ao transporte dessa energia no Sistema Interligado Nacional.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Aneel.

A Aneel realizou em novembro mais um leilão de transmissão. As concessões leiloadas destinam-se a construção, operação e manutenção de 1.941 quilômetros de nove linhas e quatro subestações da rede básica

As concessões leiloadas no leilão de transmissão destinam-se a construção, operação e manutenção de 1.941 quilômetros de nove linhas e quatro subestações da rede básica

deságio médio de 51,26% - percentual recorde nos leilões realizados pela agência.

em dez estados. Os investimentos totais para a construção das linhas estão estimados em R\$ 1,051 bilhão. As ofertas foram arrematadas com

Na tabela a seguir temos o resultado do leilão por vencedor.

Tabela 4 - Resultado do Leilão de Transmissão

Vencedor	Empreendimento
Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista	LT Colinas (TO) – Ribeiro Gonçalves C2 (PI)
	LT Ribeiro Gonçalves (PI) São João do Piauí C2 (PI)
Cymi Holding S/A (Espanha)	LT São João do Piauí (PI) – Milagres (CE)
	LT Juba (MT) – Jauru (MT)
Consórcio Jauru*	LT Maggi (MT) – Nova Mutum (MT)
	Subestação Juba (MT)
	Subestação Maggi (MT)
Chesf	LT Jardim(SE) – Penedo (AL)
	Subestação Penedo
Copel Transmissão S/A	LT Bateias (PR) – Pilarzinho (PR)
	LT São Luís II (MA) – São Luís III (MA)
Eletronorte	Subestação São Luís III

Nota: *Eletronorte, Bimetal Indústria e Comércio de Produtos Metalúrgicos Ltda. e Terna Participações S/A)

Fonte: Aneel.

Além das parcelas já referidas - distribuição e TUST – entram na composição da tarifa ao consumidor final os custos de geração.

Atualmente, o preço marginal da energia, balizado pelos resultados dos leilões de energia nova, situa-se entre 78 e 140 R\$/MWh.

No 5º leilão de energia nova (A-5), realizado em 16 de outubro de 2007, foram contratados 2.312 MW médios de energia, equivalente a 110% da demanda prevista pelas distribuidoras para daqui a cinco anos. Entre os empreendimentos que negociaram energia, cinco foram hidrelétricos e os outros cinco termelétricos (movidos a carvão mineral, GNL e óleo combustível), aqueles com contratos de 30 anos de duração e estes de 15 anos. O preço marginal resultante foi de R\$ 131,49/MWh, sendo o preço médio da energia por

MWh negociado para os empreendimentos hídricos de R\$ 129,14 e para as térmicas de R\$ 128,37.

Além do 5º leilão de energia nova, em dezembro foi realizado o leilão da UHE Santo

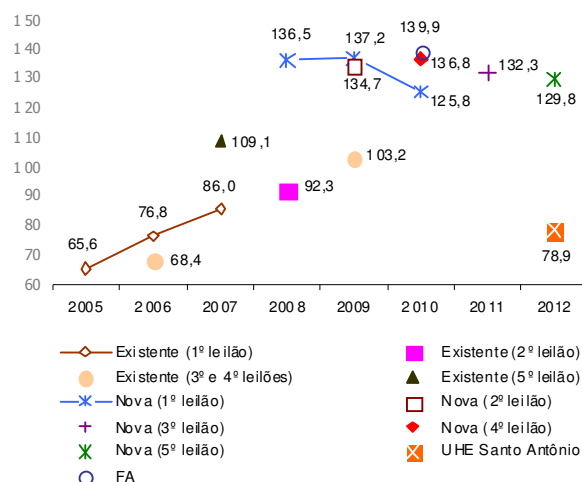
Houve deságio de 35,35% no preço médio negociado no leilão da UHE Santo Antônio, R\$ 78,87/MWh.

Antônio, pertencente ao Complexo Hidrelétrico do Rio Madeira, em que foram negociados 1.443 MW médios de energia, com início de suprimento em janeiro de 2012 e com prazo de

duração de trinta anos. Houve um deságio de 35,35% no preço médio negociado no leilão (R\$ 78,87/MWh), quando o teto definido havia sido de R\$ 122/MWh.

Os deságios observados nos preços-médios dos dois últimos leilões terão efeitos diretos para o consumidor final, através da redução da tarifa de energia elétrica.

Figura 3 - Leilões de Geração (R\$/MWh) - Corrigidos pelo IPCA – Nov/2007



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CCEE.

As vendas de MW médio por fonte nos leilões de energia, conforme dados da CCEE, estão

registradas na Tabela 8. Convém destacar a participação hídrica com 42,5% do total vendido nos sete leilões de energia, incluindo os de energia nova, o primeiro de fontes alternativas e da UHE de Santo Antônio (11.315 MW médios).

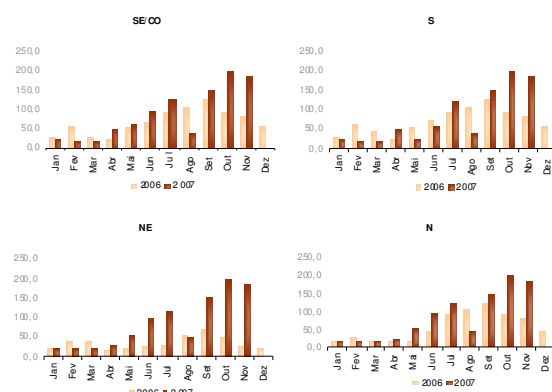
Tabela 5 - Venda MW médio nos leilões por fonte (1 lote/MW med)

	A-5 2005	A-3 2006	A-5 2006	A-3 2007	FA	A-5 2007	SA*	Total	%
Hidrelétrica	1.006	1.028	569		46	715	1.443	4.807	42
Biomassa	224	60	61		140			485	4
Carvão	546					930		1.476	13
Gás natural	1.264	270	200			351		2.085	18
Gás de Processo			200					200	2
Biogás		10						10	0
Óleo Diesel	244	102	69					415	4
Óleo combustível		212	5	1.304		316		1.837	16
Total	3.284	1.682	1.104	1.304	186	2.312	1.443	11.315	100

Nota: *UHE Santo Antônio

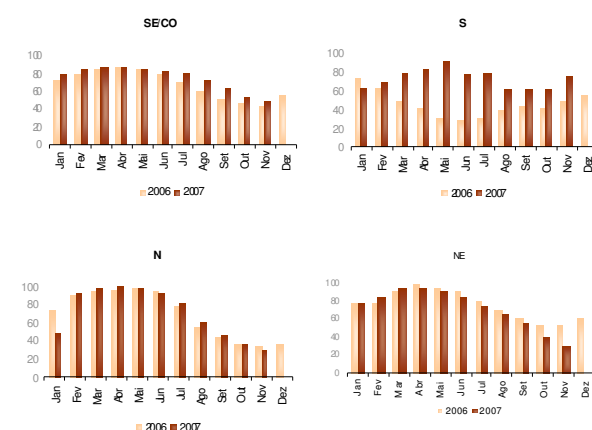
Fonte: CCEE.

No ano, o mês de outubro registrou preço recorde mensal na compra e venda de energia no mercado de curto prazo (Mercado Spot) - um Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) de R\$ 197,96/MWh, contra os R\$ 80,88/MWh observados para o mesmo período de 2006. Tal recorde pode ser explicado pela operação das térmicas no mês. Em novembro o PLD médio mensal apresentou um decréscimo de 6,5% frente a outubro.

Figura 4 - PLD (R\$/MWh)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CCEE.

Devido ao período seco (maio a novembro) em novembro verificou-se os menores níveis de energia armazenada nos reservatórios no ano, com exceção da região Sul, o nível médio foi de aproximadamente 45,9% da capacidade máxima, contra 44,2% registrado no mesmo mês de 2006. Na região Norte foi verificado o patamar mais baixo de energia armazenada: 30,5% da capacidade máxima.

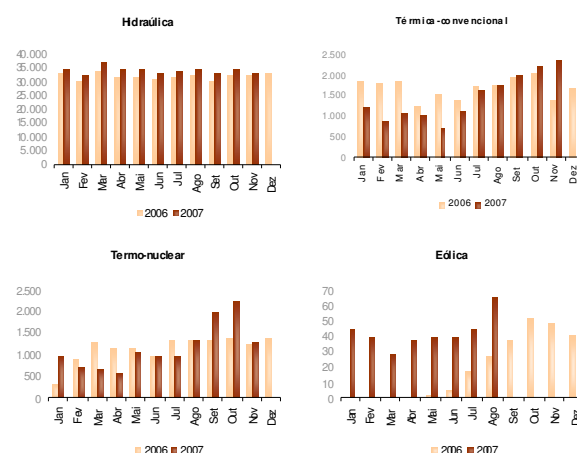
Figura 5 - Energia armazenada por região (% do valor máximo)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ONS.

Devido aos níveis mais baixos dos reservatórios, entre os meses de setembro e novembro houve incremento na geração térmica-convencional e termo-nuclear de 46,1% e 67,4%, respectivamente, e queda de 0,7% na geração hidráulica, em comparação

ao trimestre imediatamente anterior (junho-agosto).

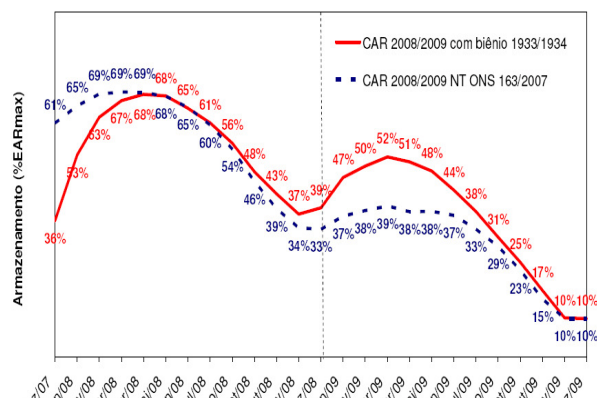
Neste trimestre foram gerados aproximadamente 112 mil GWh no Sistema Interligado Nacional, sem contabilizar a parcela proveniente de energia eólica, segundo dados da ONS. Sobre o mesmo período do ano passado, verificou-se acréscimo nos seguintes tipos de geração de energia: hidráulica (5,8%), energia térmica-convencional (22%) e termo-nuclear (39,9%).

Figura 6 - Geração de Energia Elétrica – SIN (GWh)

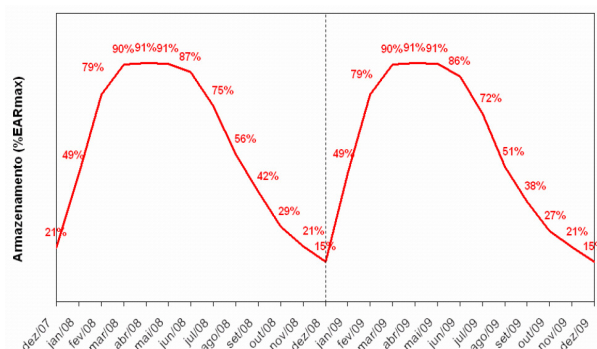
Nota: Valores não disponíveis para geração de energia eólica a partir de agosto.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do ONS.

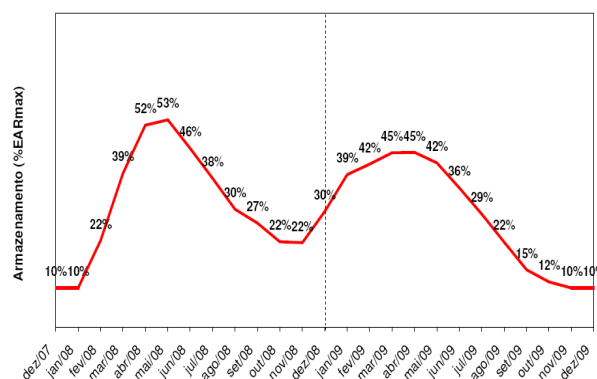
Em dezembro foram atualizadas as Curvas de Aversão ao Risco (CAR) dos Subsistemas Sudeste/Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte para o período 2008/2009. Para o biênio de 2008/2009 fica estabelecido um nível mínimo de armazenamento de 36% no início de janeiro para os reservatórios do subsistema SE/CO.

Figura 7 - SE/CO - Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009


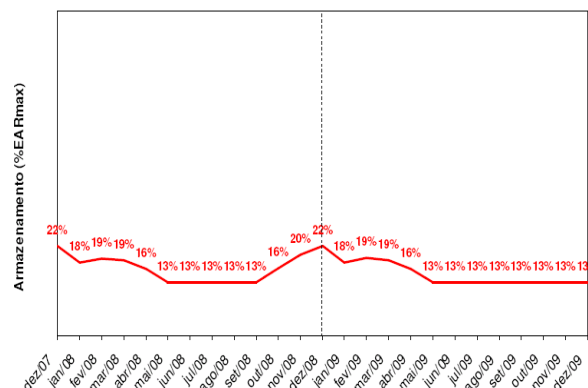
Fonte: Aneel.

Figura 8 - Figura - Norte – Curva de Operação da Região Norte – Biênio 2008/2009


Fonte: Aneel.

Figura 9 - NE - Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009


Fonte: Aneel.

Figura 10 - Sul – Curva Bianual de Aversão a Risco – 2008/2009


Fonte: Aneel.

Ainda de acordo com o ONS, não há risco de desabastecimento no curto prazo – 2008 e 2009, em razão das indicações favoráveis de chuva nos próximos meses para as regiões Sul e Sudeste. Ademais das previsões hidrológicas favoráveis à geração de energia hidráulica, há introdução do GNL pela Petrobrás na matriz energética em 2008.

Além da geração nacional e da parcela de Itaipu (Paraguai), foram importados no período 222.523 MWh de energia elétrica, aproximadamente 60% originários do Uruguai e, o restante da Venezuela, de acordo com dados do ALICE-Web (SECEX/ MDIC).

O aumento do consumo de energia elétrica no trimestre está associado ao aumento da renda, à queda dos juros e a maior disponibilidade e alongamento do crédito, assim como a ligação de novas unidades residenciais.

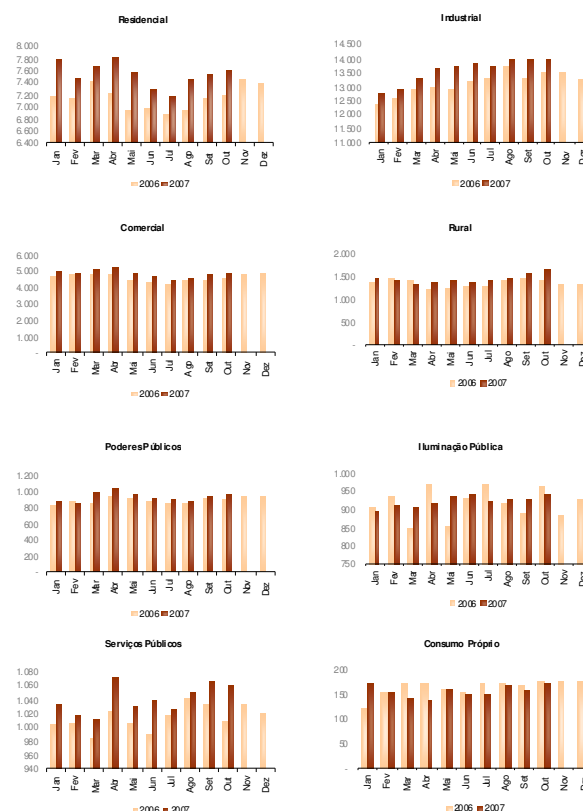
O consumo nacional de energia elétrica entre os meses de agosto a outubro totalizou 93.253 GWh, o que representa um crescimento de 5,4% frente a igual período de 2006. No acumulado do ano (até outubro), o

crescimento foi de 5,3% e, em 12 meses findos em outubro foi de 5,1%, ambos em relação ao mesmo período de 2006. As classes de consumo no trimestre apresentaram os seguintes resultados: Residencial, 6,1%, Comercial, 5,7%, Outros, 4,9% e Industrial, 4,4%.

Os dados em análise englobam todos os consumidores atendidos pelo Sistema Elétrico Nacional.

O aumento do consumo de energia elétrica no trimestre está associado ao aumento da renda, à queda dos juros e a maior disponibilidade e expansão do crédito, assim como à ligação de novas unidades residenciais. Nos dois últimos meses do trimestre, além dos fatores já mencionados, podemos citar o acréscimo no investimento estrangeiro direto, a recuperação das atividades ligadas ao agronegócio e a ampliação das exportações de *commodities*.

Figura 11 - Consumo total por classe de consumo (GWh)

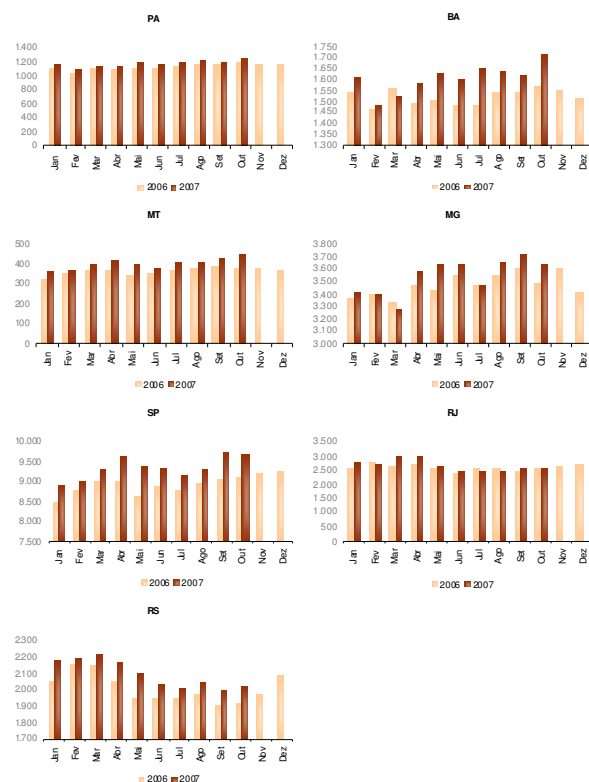


No último mês do período em análise (outubro), o aumento do consumo de energia elétrica apresentou as seguintes taxas por classe: 5,7% para a Residencial, 5,2% para a Industrial, 7,5% para a Comercial e 8,2% para a Outros, no confronto com igual mês de 2006. Analisando o desempenho dos estados dentro destas classes para os sistemas interligados, na mesma base de comparação destacam-se:

- Residencial: Bahia, 9,5%, Mato Grosso, 11,9%, Rio Grande do Sul, 7,0% e São Paulo, 6,1%.
- Industrial: Mato Grosso, 18%, Pará, 14,8% e São Paulo, 6,6%.

- Comercial: Mato Grosso, 12,6%, Bahia, 9,7%, Minas Gerais, 8,1% e São Paulo, 6,4%.

Figura 12 - Consumo total por estado (GWh)

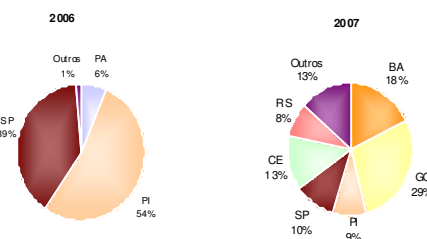


Fonte: EPE/Simples.

BIODIESEL

A produção nacional de biodiesel no mês de outubro, segundo dados da ANP, atingiu nível recorde: mais de 53.000 m³, alta de 18,4% frente a setembro. Entre janeiro e outubro a produção totalizou 297.049 m³, uma variação de 672,6% ante 2006 e concentrou-se nos estados de Goiás, Bahia, Ceará e São Paulo, os quais foram responsáveis por 69,33% da produção no período. De agosto a outubro foram registrados níveis de produção nunca antes observados.

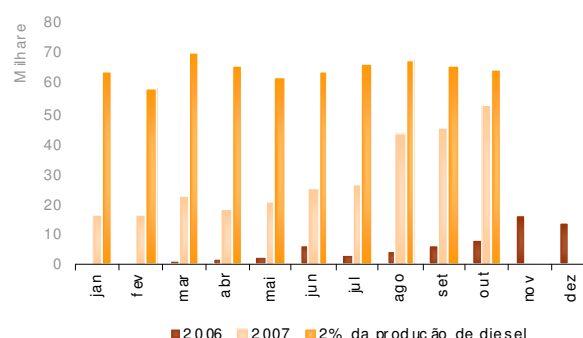
Figura 13 - Distribuição da produção acumulada (jan-out) de biodiesel por Estado



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

A adição dos 2% ao óleo diesel passará a ser obrigatória a partir de 1º de janeiro de 2008, conforme determina a Lei nº. 11.097 de 13 de janeiro de 2005.

Figura 14 - Produção nacional de biodiesel puro ou B100 (milhões m³)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Segundo estimativas, quase 90% da produção de biodiesel nacional utiliza a soja como insumo. Embora matérias-primas como

O preço do óleo de soja tem registrado sucessivos aumentos no mercado internacional em função da demanda asiática por alimentos.

mamona, pinhão manso, canola, girassol e palma tenham alto teor de óleo, a soja

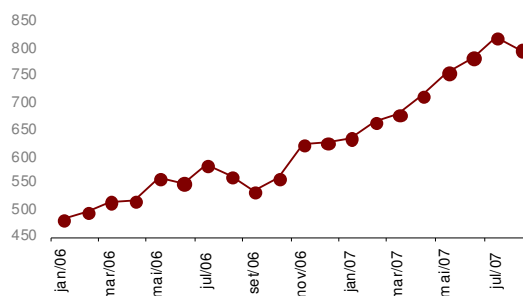
ainda é a mais competitiva para a produção deste biocombustível devido à escala de

produção, o que causa certa dependência em relação à sua disponibilidade.

Dentre as explicações para a baixa oferta do biocombustível, têm-se o contínuo aumento no preço do óleo de soja, assim como a sua falta no mercado interno.

O preço do óleo de soja tem registrado sucessivos aumentos no mercado internacional em função da demanda asiática por alimentos, em especial da China, que vêm aquecendo o mercado, além do próprio aquecimento do mercado doméstico. Na comparação com agosto de 2006, a cotação da *commodity* (óleo de soja) no mesmo mês em 2007 aumentou 41,6%, segundo dados do IPEADData. A falta de matéria-prima explica em parte a baixa oferta do combustível assim como o aumento nos custos da produção, em função do aumento do preço do óleo vegetal - no 1º leilão (nov/2005), quando o biodiesel foi vendido a um preço-médio de R\$ 1,90, o preço médio no atacado do óleo de soja bruto vendido no Paraná custava em torno de R\$ 1,19 mil/ton, em outubro deste ano, a cotação chegou a R\$ 1,90 mil/ton. O aumento dos custos de produção é mencionado como um dos motivos para a reduzida entrega do biodiesel comprado pelas refinarias da Petrobras nos leilões realizados pela ANP em 2005 e 2006.

Figura 15 - Cotação do óleo de soja (US\$/ton métrica)



Fonte: Dados IPEADData.

Por outro lado, há uma capacidade produtiva de cerca de 2,58 bilhões de litros por ano, duas vezes maior mais que o suficiente para atender a demanda obrigatória de B2 em 2008, estimada em 840 milhões de litros, segundo dados da ANP. No entanto, tal excesso de capacidade instalada pode ter contribuído para redução dos preços do biodiesel, o que pode ser verificado através dos resultados dos últimos leilões.

Para suprir a demanda gerada pela mistura obrigatória de 2% (B2) de biodiesel ao diesel derivado de petróleo, foram realizados dois leilões de biodiesel (o 6º e o 7º) em novembro pela ANP, através da modalidade pregão eletrônico.

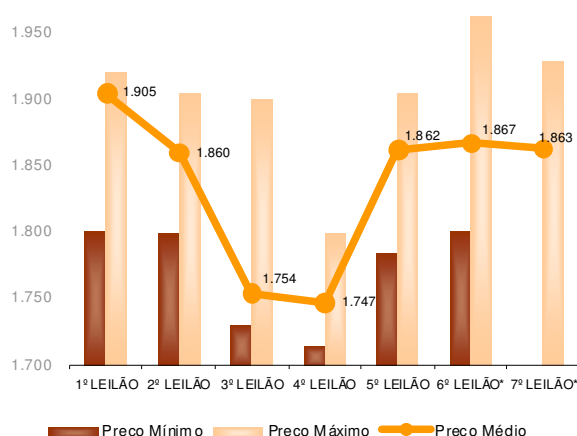
Em relação ao 5º leilão o preço médio do 6º e 7º se manteve, contrariando as expectativas de mercado e da ANP, que apostavam no aumento do preço, em virtude da alta do óleo de soja.

Segundo os resultados parciais divulgados pela ANP, foram arrematados 304 mil e 76 mil m³ de biodiesel, respectivamente,

tendo como prazo de entrega o período de 1º

de janeiro a 30 de junho de 2008. Participaram dos leilões 27 usinas, no entanto apenas 11 venderam o produto, destacando-se a Brasil Ecodiesel e a Granol com 59,47% da quantidade vendida. A participação por região foi a seguinte: Nordeste - 27,4%, Centro Oeste - 27,1%, Sul - 21,6%, Sudeste - 14,4% e Norte - 9,5%. O preço médio foi de R\$ 1,867 por litro para o 6º leilão e R\$ 1,863 por litro para o 7º leilão, um deságio de 22,2% e 22,4% do preço de referência (R\$ 2,40 por litro), respectivamente, que pode ser atribuído à competição entre as 27 produtoras de biodiesel participantes do leilão. Em relação ao 5º leilão, o preço médio no 6º e 7º manteve-se, contrariando as expectativas de mercado e da ANP, que estimavam aumento do preço (vide preço de referência), em virtude da alta do óleo de soja.

Figura 16 - Leilões Públicos de Compra de Biodiesel (R\$/m³)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

Com a mistura obrigatória a diferença entre o preço do biodiesel e de óleo diesel, um acréscimo de R\$ 0,01 por litro, segundo a Ubrabio.

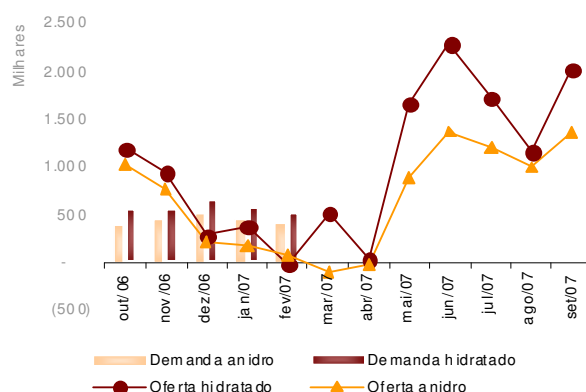
De acordo com o governo, a meta de mistura de 5% de biodiesel ao diesel poderá ser antecipada de 2013 para 2010, o que poderá ser realizado através de um aumento gradual e facultativo de 1% a partir de 2008.

ÁLCOOL

De acordo com o último levantamento da safra nacional de cana-de-açúcar (2007/2008) realizado pela Conab em 29 de novembro, prevê-se uma colheita recorde pela terceira safra consecutiva, superior a passada em 15,8%. O crescimento pode ser explicado através da expectativa do mercado pela demanda de álcool no período de plantio.

No mês de setembro, a oferta de álcool totalizou aproximadamente 3,40 bilhões de litros, segundo dados do Ministério da Agricultura, sendo que deste total 59,7% correspondeu ao álcool hidratado e 40,3% ao anidro.

Figura 17 - Produção e consumo nacional de álcool (milhares m³)



Obs.: Dados de demanda indisponíveis a partir de março de 2007.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP e do MAPA.

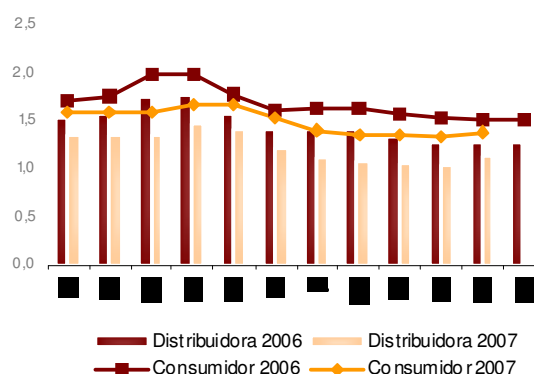
De setembro a novembro, os preços médios do álcool hidratado combustível praticados ao consumidor no Brasil foram, na média, 24,6% maiores que os praticados às distribuidoras, contra a diferença de 18,1% registrados no mesmo período do

Desde maio o preço do combustível ao consumidor vinha apresentando queda devido ao período da safra da cana-de-açúcar no Centro-Sul do país, tendência esta interrompida em novembro.

mesmo período do ano passado. O preço médio ao consumidor final no trimestre ficou 1,3% mais barato com relação ao trimestre imediatamente anterior e 11,4% mais barato em relação ao mesmo período de 2006. Desde maio o preço do combustível ao consumidor vinha apresentando queda devido ao período da safra da cana-de-açúcar no Centro-Sul do país, tendência esta interrompida em novembro, quando houve um aumento de 3,8% na comparação com outubro; o mesmo foi observado nos preços pagos pelas

distribuidoras, sendo a variação em novembro de 8,3%. Segundo a União da Indústria da Cana-de-Açúcar, o reajuste antes mesmo do início da entressafra (dezembro) deve-se ao aumento da demanda pelo combustível e à falta de estoques reguladores. Tal aumento de demanda pode ser explicado pelos níveis recordes de vendas de carros biocombustíveis: as vendas de carro Flex e a álcool cresceram 50,8% entre agosto e outubro e 44,8% no acumulado dos dez primeiros meses de 2007, comparativamente ao mesmo período do ano passado, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Figura 18 - Síntese dos preços médios do álcool - Brasil (R\$/l)

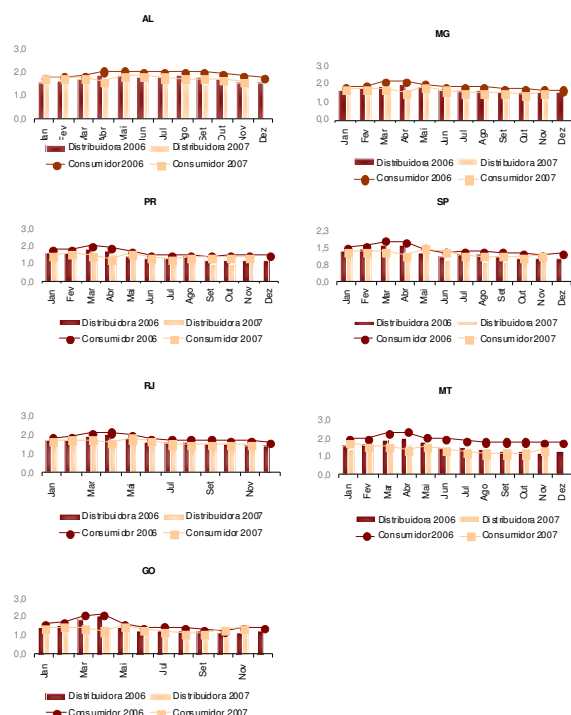


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

Na análise por estado, entre setembro e novembro, o consumidor de Alagoas pagou em média R\$1,67 e o de São Paulo R\$1,12 pelo litro do álcool hidratado, preços 7% mais baixos em relação ao trimestre anterior, e 13,9% e 9,6%, respectivamente, menores em relação ao mesmo período do ano passado. Em São Paulo, o preço pago pelas distribuidoras no período caiu na média 15,1% e, em Alagoas, 13,8%, com referência

a 2006. Ante a junho-agosto a queda foi de 8,1% para São Paulo e 2,8% para Alagoas.

Figura 19 - Evolução do preço médio do álcool hidratado combustível (com impostos) - (R\$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

Desde junho verificam-se sucessivas quedas nas exportações destinadas aos Estados Unidos.

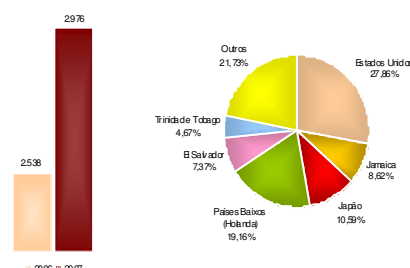
Nos últimos meses o setor sucroalcooleiro tem se deparado com exportações menores de álcool etílico desnaturado. No trimestre agosto/outubro houve queda no volume de 10% frente ao verificado no mesmo trimestre do ano passado e, de 22,0% no preço médio, o qual passou de US\$ 0,50 para US\$ 0,39 o

litro, segundo dados do ALICE-Web (SECEX/MDIC).

Desde junho, foram verificadas sucessivas quedas nas exportações destinadas aos Estados Unidos, o que poder ser explicado pela grande produção de etanol no país, a qual tem provocado queda acentuada dos preços locais.

No período em análise, dos 1,09 bilhões de litros de álcool etílico desnaturado que foram exportados, 72,6% foram destinados à Holanda, Estados Unidos, Japão e Jamaica.

Figura 20 - Exportação de álcool etílico desnaturado (milhões de litros) – acumulado (jan-out) 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC -Alice Web.

Um dos esforços realizados para a produção de biocombustíveis de segunda geração será o Centro de Pesquisas em Bioetanol, um projeto do governo federal, que se instalará na cidade de Campinas, constituindo um investimento de R\$ 35 milhões com previsão de início de funcionamento para o próximo ano. O bioetanol será produzido a partir da celulose presente no bagaço e na palha da cana de açúcar. A meta é de que a produção de álcool duplique em dez anos, através de um incremento anual de mais de 17 bilhões de litros, sem implicar em aumento da área

plantada de cana. Existe a expectativa de que a produção atingirá 200 bilhões de litros em 20 anos.

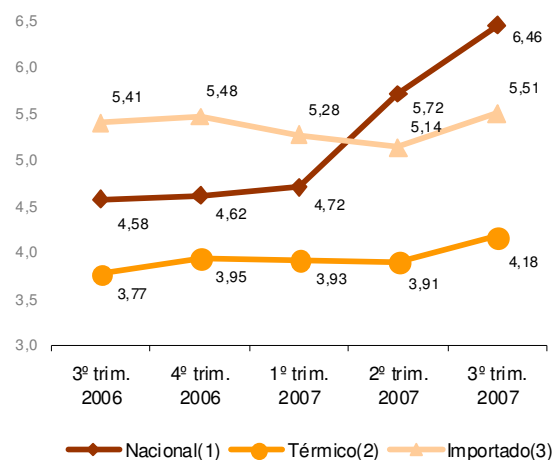
GÁS NATURAL

O preço do gás natural importado da Bolívia (commodity+transporte), segundo dados da Petrobrás, passou de US\$ 5,14 para US\$ 5,51 por milhão de BTUs no terceiro trimestre - acréscimo de 7,2%, em função do reajuste trimestral ao qual o contrato de fornecimento de gás boliviano para a Petrobrás está submetido. O reajuste registrado foi recorde em 2007, em consequência da majoração do preço do petróleo no mercado internacional (o preço do gás importado é reajustado segundo uma cesta de óleos combustíveis cotados internacionalmente). O incremento no preço do gás poderá por outro lado ser compensado pela variação cambial do real frente ao dólar.

A majoração tem impacto em seis estados supridos pelo gás importado: São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O repasse para os consumidores finais depende da política de preços de cada distribuidora, exceto para as quais os contratos só permitem repasses anuais para as tarifas, como é o caso das distribuidoras de São Paulo

Além do reajuste trimestral do preço do gás importado, houve reajuste do preço do gás de origem nacional em 12,9% no terceiro trimestre sobre o segundo trimestre.

Figura 21 - Preços médios do gás natural (US\$/MMBTU)



Notas: Dólar comercial média mensal de venda - PTAX SISBACEN

(1) Gás Natural vendido como nacional: Preços médios não ponderados com PIS/COFINS e sem ICMS.

(2) Gás Natural vendido para as térmicas: Preços médios não ponderados sem PIS/COFINS e ICMS.

(3) Gás Natural vendido como importado: Preços médios não ponderados sem PIS/COFINS e sem ICMS.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Petrobrás.

Como resultado da elevação do preço do gás natural fornecido pelo Petrobrás, em vigor desde 1º de julho de 2007, algumas distribuidoras reajustaram suas tarifas de gás canalizado. Em julho, a Gasmig, segundo informações divulgadas pela própria, reajustou suas tarifas no valor de 2,3% para o consumo industrial, 2,6% para a utilização em veículos automotivos e 2,0% para uso em geral, sendo os valores dos reajustes dados em média. Outra concessionária a efetuar reajustes foi a CEG. O repasse automático do aumento do insumo na área de concessão desta se deve às características do contrato de concessão que prevê reajuste automático da tarifa a cada aumento da Petrobrás.

Além dos reajustes já mencionados, outros reajustes posteriores ocorreram em função de outro aumento do preço do gás nacional realizado em outubro, segundo notas divulgadas pelas próprias distribuidoras. Dentre as distribuidoras analisadas: Gasmig, Ceg e Bahiagás tiveram as tarifas de gás canalizado reajustadas ao consumidor final. Na tabela abaixo, seguem os últimos reajustes efetuados pelas distribuidoras selecionadas em 2007.

Tabela 6 - Reajuste das tarifas de gás natural canalizado (%) – comparativamente ao penúltimo reajuste realizado

	Residencial ⁽¹⁾	Comercial ⁽²⁾	Industrial ⁽³⁾	GNV
Bahiagás	0,8	1,2	2,1	2,6
Ceg	0,7	0,5	1,3	2,7
Comgás⁽⁴⁾	2,4	2,3	2,3	2,6
Gasmig⁽⁵⁾	3,4	3,4	6,7	10,8

Notas:

(1) consumo de 5 m³

(2) consumo de 100 m³

(3) consumo de 1.000 m³

(4) reajuste referente a parte variável da tarifa.

(5) Residencial e Comercial: Uso geral

Data dos reajustes:

Comgás - 31/05/2007

Ceg - 01/09/2007

Bahiagás - 01/10/2007

Gasmig - 04/10/2007

Fonte: CSPE, Agerensa e Agerba.

A seguir, temos as tarifas atuais de gás natural canalizado, após os referidos reajustes, por distribuidora.

Tabela 7 - Tarifas de Gás Natural por distribuidora e classe de consumo – 2007 (R\$/m³)

Distribuidora	Residencial	Comercial	Industrial	GNV ⁽¹⁾
COMGAS/SP	3,5394	1,1912	0,7457	0,6554
CEG/RJ	4,0224	2,1344	0,6446	0,6655
BAHIAGÁS/BA	1,5109	0,6521	0,6521	0,6458
GASMIG/MG ⁽⁴⁾	0,9618	0,8657	0,7271	0,9792 ⁽³⁾
SULGAS/RS	1,5215	0,9433	0,6319	0,6331 ⁽³⁾

Notas:

Incluso ICMS, PIS/PASEP e COFINS, exceto COMGAS (incluso ICMS).

Tarifas para classes com consumo superior a:

3.840 m³ - residencial

50.000 m³ - comercial

3.000.000 m³ - industrial

(1) com contrato

(2) com encargos financeiros

(3) valor para consumo acima de 200.000 m³, não inclui tributos, taxas e encargos.

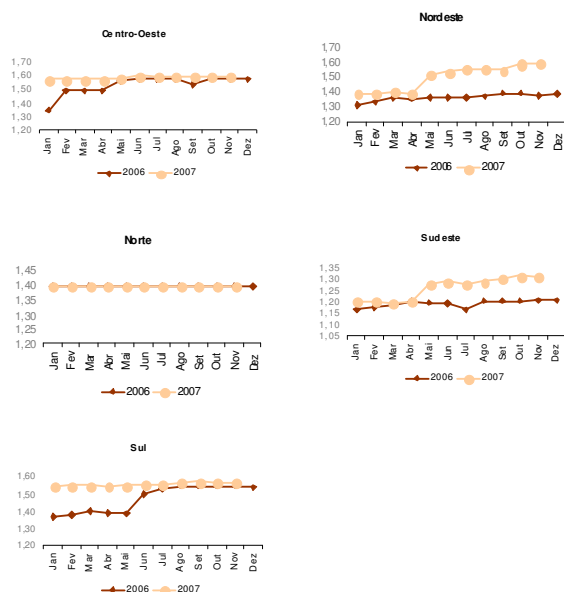
(4) Gasmig: Residencial e Comercial - Uso geral

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CSPE, AGERNSA, AGERBA, GASMIG e SULGÁS.

Entre os combustíveis, o GNV apresenta no acumulado do ano o maior aumento.

Os aumentos no preço do gás nacional e do importado, também são verificados ao se analisar o preço do gás natural veicular (GNV). No ano, os preços do GNV encontram-se em

níveis superiores aos observados em 2006, exceto para a região Norte, em que estes continuam no mesmo patamar; por outro lado, as maiores diferenças são verificadas nas regiões Sudeste e Nordeste.

Figura 22 - Preço do GNV ao consumidor por região (R\$/m³)


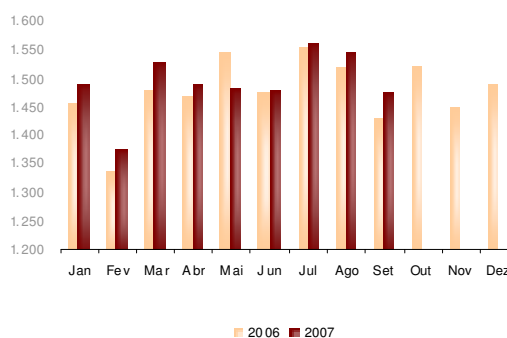
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

O preço-médio nacional do gás natural veicular ao consumidor final entre setembro e novembro foi de R\$ 1,35/m³, valor este 7,2% superior ao observado no mesmo período de 2006. Às distribuidoras, o aumento foi de 13,3%, passando de R\$ 0,80 para R\$ 0,90/m³. No trimestre o preço pago pelo consumidor foi 50,2% maior que o pago pela distribuidora.

Convém destacar que entre os combustíveis, o GNV apresenta no acumulado do ano o maior aumento, devido à forte procura pelo produto, a elevação dos tributos e da cotação da commodity. Mesmo com preços mais elevados ainda é uma opção mais barata em relação a outros combustíveis, como por exemplo, a gasolina.

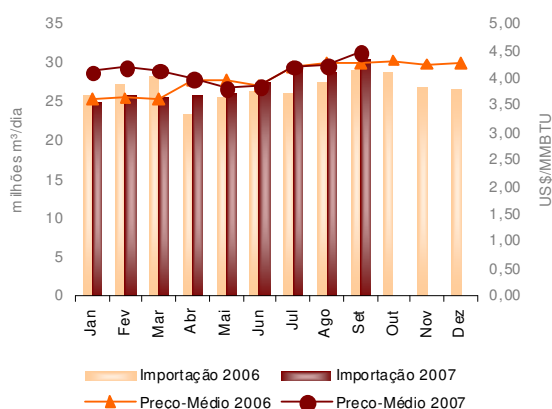
A produção nacional diária de gás nacional no trimestre julho/setembro foi de 49,8 milhões de metros cúbicos, incremento de 1,8% e de

2,9%, respectivamente, sobre igual período de 2006 e trimestre imediatamente anterior.

Figura 23 - Produção de gás natural (10⁶ m³)


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Ademais dos 27,1 milhões de metros cúbicos disponíveis diariamente no período, foram importados no período 29,39 milhões de metros cúbicos por dia, acréscimo de 6,9% frente igual trimestre do ano anterior, a um preço médio de US\$ 4,33/MMBTU FOB.

Figura 24 - Preço-médio de importação de gás natural (US\$/MMBTU)


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX.

Foram consumidos 1,8% a mais de gás natural entre julho e setembro em comparação ao registrado no mesmo período de 2006, conforme dados de vendas das distribuidoras informados à Revista Brasil Energia. Dentre as contribuições para esse

desempenho destacam-se o consumo Automotivo (7,6 %), o Comercial (6,6%), o Residencial (5,98%) e o Industrial (4,2%), convém enfatizar que este último tem uma participação de mais de 60% no consumo nacional de gás.

Tabela 8 - Consumo-médio de gás natural, fornecido pelas distribuidoras, por classes, no trimestre - julho a setembro - ($10^6 \text{ m}^3/\text{dia}$)

Classes	jul/07 - set/07	Participação (%)	T-2007/T-2006 (%)
Industrial	25,94	63,4	4,2
Automotivo	6,98	17,1	7,6
Residencial	0,76	1,9	5,98
Comercial	0,61	1,5	6,6
Cogeração	1,80	4,4	(0,8)
Geração Elétrica	4,60	11,2	(32,1)
Outros inclui (GNC)	0,23	0,6	(44,8)
Total	40,92	100,0	(1,8)

Fonte: Revista Brasil Energia.

Alguns problemas quanto ao fornecimento de gás natural ocorreram no período em análise. A partir do dia 30 de outubro de 2007 a Petrobrás limitou temporariamente a entrega de gás natural às distribuidoras do Rio de Janeiro (CEG e CEG-Rio) e de São Paulo (Comgás) ao volume estabelecido nos contratos com as concessionárias de distribuição de gás natural. Estas realizavam retiradas do produto acima do volume contratado. Esta restrição de suprimento da Petrobrás foi motivada pela priorização do uso do gás natural para geração de energia elétrica. No Rio, a redução foi em torno de 17% (1,3 milhão de m^3/dia) e em SP, de 7% da oferta (2,3 milhões de m^3/dia). Quanto aos efeitos, no Rio de Janeiro a restrição ao abastecimento implicou na falta do produto nos postos de gás natural veicular e nas indústrias; restrição esta que durou cerca de

vinete e quatro horas apenas, devido à concessão de uma liminar judicial que obrigou a estatal a restabelecer o fornecimento acima dos limites contratuais. Em São Paulo a redução no abastecimento teve impactos menores, devido ao acordo realizado entre a Comgás e sete grandes empresas para que estas passassem a utilizar o óleo combustível, como este é mais caro que o gás natural (em média 12%), a Petrobrás se comprometeu a pagar a diferença. A restrição de fornecimento da Petrobrás foi sanada em função da nova curva de aversão ao risco (CAR) conforme mencionado anteriormente.

PETRÓLEO

Nos últimos meses, o cenário internacional tem contribuído para a instabilidade no mercado de petróleo de maneira acentuada. Tal como são destacados nos boletins mensais da OPEP, diversos motivos têm atraído a atenção para este setor. Em setembro, ocorrência de tempestades e furacões no Golfo do México danificou as instalações petroleiras locais, embora não tenha sido registrado nenhum impacto grave sobre a sazonalidade típica da demanda por óleos, ancorada principalmente pelos países em desenvolvimento. Um outro fator de interferência foi o registro de falhas nas refinarias norte-americanas, que tiveram suas margens de retorno minadas pelo fato de o preço do óleo cru ter ultrapassado em setembro e outubro o preço dos produtos derivados. Na Europa houve ainda uma queda na atividade das refinarias, em tendência

inversa à estocagem sazonal que caracteriza este período do ano; todavia, a ascensão potencial dos preços do petróleo foi freada pela estagnação econômica nos últimos meses. O acirramento de conflitos geopolíticos na região do Oriente Médio e as expectativas geradas pelo encontro da OPEP também provocaram tensões no mercado de petróleo.

Entretanto, o principal destaque dos últimos meses é atribuído ao enfraquecimento do dólar e à alta volatilidade dos preços do petróleo segundo diferentes moedas. A pressão sobre o complexo petroleiro em outubro teve como razão central a volta dos especuladores ao mercado de futuros, impulsionando ainda mais a fragilidade da moeda norte-americana.

A 146ª Conferência da OPEP, realizada em Abu Dhabi, questionou a possibilidade de substituição de suas reservas em dólar por euro. Além disto, a OPEP decidiu manter a cota de produção de petróleo para o próximo ano (em 27,25 milhões de barris por dia), em resposta negativa aos países consumidores que propuseram um aumento na oferta durante o inverno boreal para evitar o aumento excessivo nos preços do combustível. A OPEP afirma não haver tal pressão sobre os preços que justifique o aumento da oferta. Na primeira semana de dezembro o barril da OPEP era vendido a US\$85,53.

A partir dos dados do Platts, é possível perceber a tendência de elevação dos preços do petróleo nos últimos meses. Se nos primeiros meses do ano os preços médios do

WTI e do BRENT mantiveram-se num nível próximo dos preços observados no mesmo período de 2006, a partir de setembro iniciou-se um processo de descolamento dos mesmos, como reflexo das instabilidades do cenário internacional, tal como mencionado anteriormente.

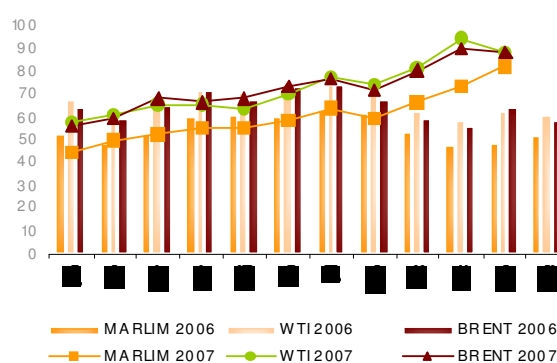
Ao analisar o preço do petróleo produzido no campo de Marlim, observa-se em novembro

Entre outubro e novembro foi registrada a menor diferença do ano entre o preço (mensal) do Marlim, do Brent e do WTI.

um desalinhamento deste em relação ao preço dos petróleos tipo Brent e WTI, isto é, enquanto os preços destes caíram entre outubro e novembro, o do petróleo brasileiro

elevou-se, diminuindo a diferença em relação ao Brent e ao WTI.

Figura 25 - Preço médio do petróleo (US\$/barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Platts.

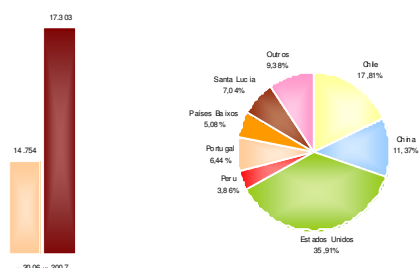
De acordo com os dados da ANP, foram produzidos no Brasil, entre julho e setembro, 161,29 milhões de barris de petróleo, ou seja, 1,72 milhão de barris/dia, um aumento de 1,92% comparativamente ao mesmo período do ano passado. No acumulado do ano (até setembro) a produção nacional é de 478,38

milhões de barris. Foram importados no trimestre 41,62 milhões de barris de petróleo, o que correspondeu a um crescimento de 20,4% em relação a 2006. As exportações líquidas do combustível entre janeiro e setembro foram negativas e iguais a aproximadamente 4,57 milhões de barris. Em termos monetários, um resultado negativo de 2,28 bilhões de dólares FOB.

No mês de setembro, o Brasil se configurou como importador líquido de petróleo (inversamente à posição observada em agosto). Neste mês, o saldo comercial de petróleo esteve negativo em cerca de 1,6 milhões de barris e o preço médio das importações superou o das exportações em 27% (US\$77,67/barril e US\$ 61,09/barril, respectivamente).

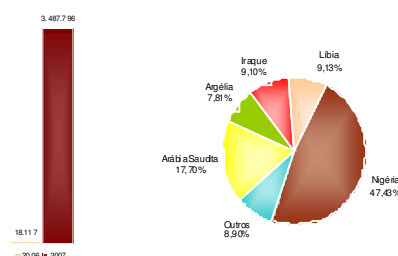
Segundo dados do MIDIC, 47,4% do volume de óleos brutos importados no ano (jan-set) procederam da Nigéria. Quanto às exportações, os principais destinos foram os Estados Unidos e o Chile, aquele com 35,9% e este com 17,8% de participação no total.

Figura 26 - Exportação de óleos brutos de petróleo em 2007 (milhares m³) – acumulado (jan-set) 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC -Alice Web

Figura 27 - Importação de óleos brutos de petróleo em 2007 (milhares m³) – acumulado (jan-set) 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC -Alice Web

O volume de petróleo refinado no país até setembro foi maior se comparado ao mesmo período de 2006, posto que a atividade das refinarias foi 1,4% superior ao registrado no mesmo período do ano passado. Tal como destacado no boletim anterior, há expectativas para que a capacidade mundial de refino aumente.

De acordo com os dados da ANP, o saldo comercial dos derivados de petróleo nos primeiros 9 meses do ano foi negativo em aproximadamente 1,6 milhões de metros cúbicos; dado que até julho o saldo era negativo em 800 mil metros cúbicos, o resultado dos dois últimos meses foi importante para o aumento do déficit comercial. Em termos monetários, o resultado negativo foi de cerca de 800 milhões de dólares FOB e a recuperação deste item deveu-se à elevada receita proveniente da exportação de gasolina A. Entretanto, a importação de óleo diesel foi significativamente alta, contribuindo assim para a deterioração do saldo entre exportações e importações de derivados de petróleo.

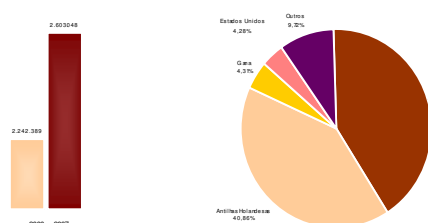
GASOLINA

A produção de gasolina A no país entre os meses de julho a setembro totalizou 5,04 milhões de metros cúbicos, uma queda de menos de um por cento comparativamente ao mesmo trimestre de 2006. Do total produzido no trimestre, 21,8% foram exportados.

Entre janeiro e setembro as exportações de gasolina A foram de 2,65 milhões de metros cúbicos, o que revelou um crescimento de 15,5% frente igual período de 2006. O preço-médio (FOB) praticado no período foi de US\$ 502,78/m³, contra os US\$ 513,49/m³ registrados entre janeiro e setembro de 2006.

Do total exportado de gasolina nos nove primeiros meses do ano, exclusiva a gasolina de aviação, 81,7% foram destinados a Nigéria e Antilhas Holandesas (cada uma com aproximadamente 40% do volume total), de acordo com dados do MDIC.

Figura 28 - Exportação brasileira de gasolina em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC - Alice Web

O saldo comercial de gasolina A no acumulado do ano (jan-set) totalizou 2,63 milhões de metros cúbicos - importação de 9 mil metros

cúbicos, resultando num saldo monetário positivo de 1,27 bilhão de dólares FOB.

Até o mês de novembro de 2007, exceto para os dois primeiros meses do ano, observa-se preços do litro da gasolina comum ao consumidor em níveis menores do que os registrados em 2006.

Na gestão do governo atual o preço da gasolina A, assim como o de outros derivados, não acompanha as cotações internacionais, o último reajuste de preços deste combustível data de 10/09/2005 (10%) e influenciou os preços de distribuição e de revenda em todo país. Convém destacar que a gasolina comum (C), vendida nos postos revendedores, é composta por 25% de álcool anidro e 75% de gasolina A adquirida nas produtoras desde 01/07/07. Desta forma, mesmo com o preço do barril mais alto, um dos principais motivos para a variação do preço da gasolina comum no Brasil decorre da variação do preço do álcool anidro nas unidades produtoras - em função dos períodos de safra e entressafra da cana-de-açúcar, das variações climáticas, do volume de estoque existente e do comportamento da demanda.

No trimestre setembro/novembro o preço-médio ao consumidor por litro de gasolina foi de R\$ 2,48, contra os R\$ 2,54 registrados no mesmo período do ano passado. Para as distribuidoras o preço-médio pago foi de R\$ 2,12/litro, o que

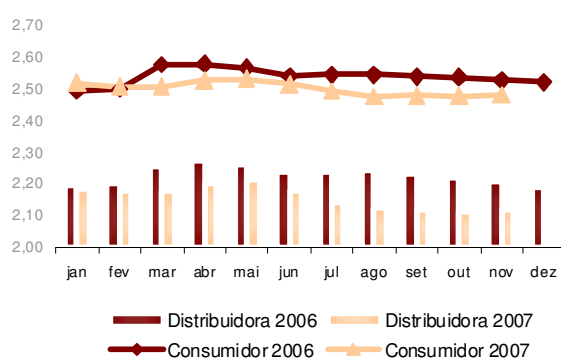
O aumento no preço da gasolina em novembro é atribuído à elevação do preço do álcool anidro junto às distribuidoras

traduz uma queda de 4,6% em relação ao mesmo trimestre de 2006. A diferença entre o preço pago pelo consumidor e o pago pela distribuidora diminuiu, com relação a 2006, em 17% da média, no período. No mês de novembro o preço da gasolina comum aumentou 0,3% ante outubro, quando se manteve estável frente a setembro. O aumento pode ser atribuído à elevação do preço do álcool anidro junto às distribuidoras, em função do fim da safra, conforme explicado anteriormente.

Em novembro, dentre os estados brasileiros, foi registrado em São Paulo o menor preço do litro da gasolina comum ao consumidor, R\$ 2,37 e, o maior em Mato Grosso, R\$ 2,84, uma disparidade de 20,9%.

Os preços mencionados incluem CIDE, PIS/PASEP, COFINS, ICMS e CPMF.

Figura 29 - Série de preço médio da gasolina - Brasil (R\$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

GLP

O Congresso Nacional aprovou em outubro a

A PEC 0292/2004 prevê o fim da cobrança de impostos sobre a produção e comercialização de GLP para uso doméstico.

criação de uma Comissão Especial para analisar a Proposta de Emenda Constitucional 0292/2004, a qual prevê o fim da

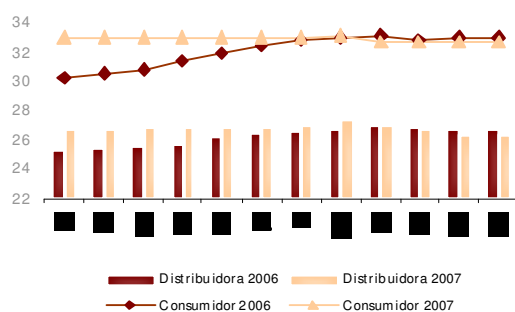
cobrança de impostos praticada pela União, Estados, Distrito Federal e municípios sobre a produção e comercialização de GLP para uso doméstico. Segundo dados da Sindigás, cerca de 20% do preço do botijão é constituído de tributos. Os impostos são um dos responsáveis pelo encarecimento do combustível nos últimos anos.

Entre os meses de outubro a dezembro, o preço médio do GLP ao consumidor foi de R\$ 32,78/13Kg e à distribuidora R\$ 26,53/13Kg, apresentando um decréscimo de 0,68% e 1,08%, respectivamente, com relação aos preços médios observados no mesmo período de 2006. Desde setembro o mercado tem registrado queda nos preços. No trimestre, o preço-médio ao consumidor foi 23% maior do que o preço pago pela distribuidora, percentual este igual ao verificado no mesmo período do ano passado.

Segundo dados da Sindigás, o preço-médio ao consumidor do botijão de gás (13Kg) em setembro comparativamente ao mesmo mês do ano anterior, passou de R\$ 33,17 para R\$ 32,83. Dentre os componentes do preço, houve queda na margem distribuição e revenda da distribuição, de R\$14,26 para

R\$13,83, e um incremento de tributos de R\$6,58 para R\$6,68.

Figura 30 - Série de preço médio do GLP - Brasil (R\$/13Kg)

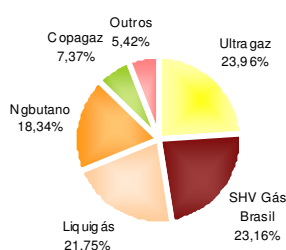


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

O menor preço-médio ao consumidor entre set/novembro foi registrado em Pernambuco, R\$29,12/13 Kg, já o maior em Mato Grosso, R\$40,79/13 Kg, uma diferença de 40,1%.

Ainda de acordo com os dados da Sindigás, as vendas de GLP pelas distribuidoras no mercado interno entre julho e setembro cresceram 2,2% comparativamente ao mesmo período de 2006. A participação de cada distribuidora no mercado nacional pode ser vista na figura a seguir.

Figura 31 - Market Share 2007 – GLP



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Sindigás.

Em função da ameaça de escassez ocorrida

em outubro, quando as térmicas movidas a gás natural foram acionadas, foi registrado um aumento na procura por GLP para o consumo industrial. Segundo a SHV Gas Brasil, entre outubro e novembro seus clientes industriais triplicaram, tendência esta verificada nacionalmente. O interesse dessas indústrias é de ter o GLP como um sistema de segurança, que possa ser acionado na falta do gás natural, como já ocorre na Europa. A utilização do GLP como complementar ao gás natural é devido a ambos possuírem o mesmo desempenho energético e às baixas emissões ambientais.

A produção nacional de GLP entre julho/setembro somou 2,11 milhões de metros cúbicos, uma desaceleração de 1,6% frente à igual trimestre de 2006. Até setembro foram produzidos 6,31 milhões de metros cúbicos de GLP.

Buscando complementar a oferta interna, foram importados entre janeiro e setembro 1,44 milhões de metros cúbicos, volume 36,6% maior que o registrado até setembro do ano passado, segundo dados da ANP. Por outro lado, foram exportados 23,6 mil metros cúbicos. Em termos monetários, o resultado negativo ficou em torno de 454,8 milhões de dólares FOB.

DIESEL

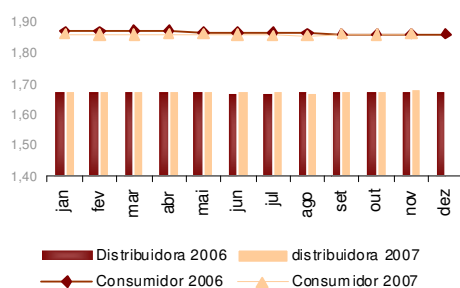
Ao longo de 2007, os preços-médios mensais ao consumidor final de óleo diesel mantiveram-se estáveis e a níveis inferiores aos registrados em 2006. No trimestre

outubro/dezembro os consumidores pagaram, em média, R\$ 1,858 pelo litro do combustível, contra R\$ 1,859 do mesmo período do ano passado. Já as distribuidoras se depararam com um preço-médio de R\$ 1,681 por litro, apenas 0,42% maior do que o verificado no mesmo período do ano passado. Deste modo, para o período considerado, a diferença entre o preço ao consumidor e o pago pela distribuidora foi de 10,57%.

O menor preço-médio ao consumidor final observado no trimestre (setembro-novembro) foi de R\$ 1,848, nas regiões Sudeste e Nordeste, enquanto o oposto ocorreu na região Norte – R\$ 1,98, uma diferença de 0,14 centavos por litro.

Os preços mencionados acima são para o óleo diesel não aditivado e, incluem CIDE, PIS/PASEP, COFINS, ICMS E CPMF.

Figura 32 - Série de preços médios do diesel - Brasil (R\$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

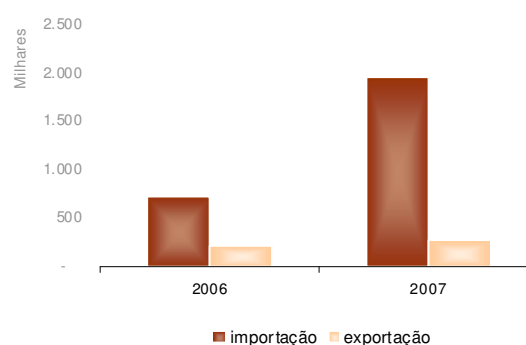
A produção nacional de óleo diesel entre os meses de julho e setembro foi de aproximadamente 10 milhões de metros cúbicos, um acréscimo de 4,9% em relação

ao mesmo período de 2006, segundo dados da ANP. No acumulado do ano, a produção do combustível totaliza 29,28 milhões de metros cúbicos.

Além da produção nacional, foram importados nesse mesmo período 1,95 milhão de metros cúbicos de óleo diesel a um preço-médio de US\$ 542,32/m³, contra o valor de US\$ 522,76/m³ registrado no ano passado. Por outro lado foram exportados 261,9 mil m³. O volume importado no período em análise cresceu cerca de 171%, enquanto o exportado, apenas 24,5%, em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Em setembro as importações registraram nível recorde de 838.083 m³, o maior volume desde novembro de 2002, de acordo com os dados da ANP.

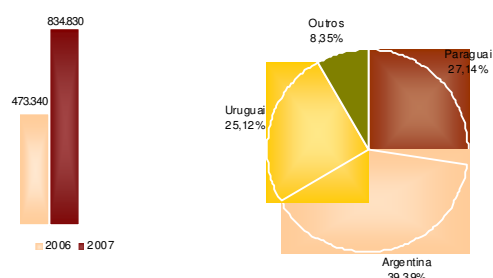
Segundo dados fornecidos pelo ALICE-Web (SECEX/MDIC), aproximadamente 93% do volume importado do combustível originou-se de Aruba. Já as exportações, em sua maioria tiveram como destinos principais: Argentina, Paraguai e Uruguai.

Figura 33 - Volume importado e exportado de óleo diesel no trimestre julho/setembro (m³)



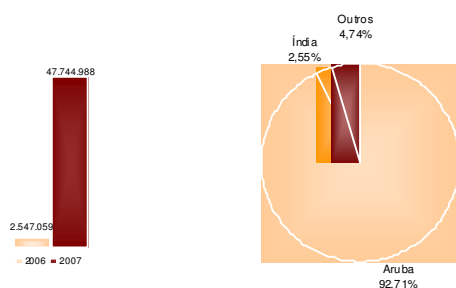
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ANP.

Figura 34 - Exportação de óleo diesel em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC-Alice Web.

Figura 35 - Importação de óleo diesel em 2007 (m³) – acumulado (jan-set) 2007



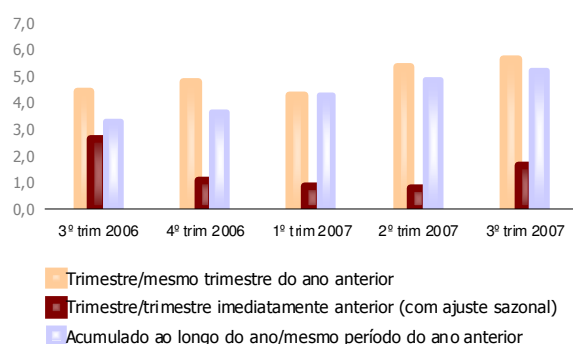
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC-Alice Web

O saldo comercial de óleo diesel nos nove primeiros meses do ano foi de aproximadamente 2,85 milhões de metros cúbicos negativos. Em termos monetários, um resultado negativo de aproximadamente 1,64 bilhão de dólares FOB.

2. Destaque dos Energéticos na Economia

NÍVEL DE ATIVIDADE

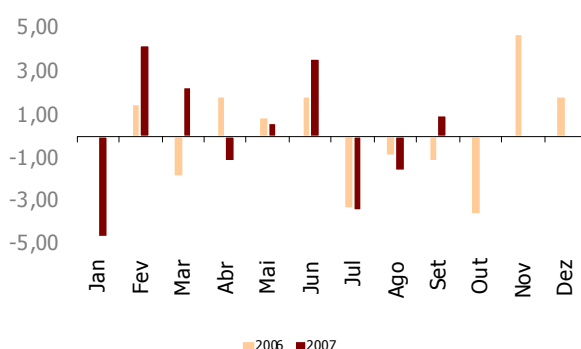
Figura 36 - Principais resultados do PIB a preço de mercado (%)



Fonte: IBGE.

No 3º trimestre de 2007, o PIB a preços de mercado apresentou um crescimento de 5,6% com relação ao mesmo trimestre do ano anterior, alcançando R\$ 645.158 milhões. As variações trimestrais por setor do PIB foram de 9,2% para a agropecuária, 5,0% para a indústria e 4,8% para o setor de serviços. O bom desempenho da agropecuária no período teve como um dos contribuintes a cana de açúcar, a qual apresentou um aumento de 13,0% na sua estimativa de produção neste terceiro trimestre.

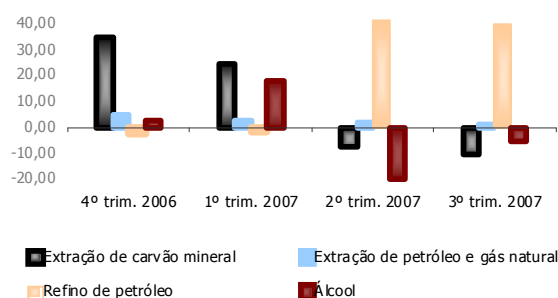
Figura 37 - Indústria- Refino de petróleo e produção de álcool (variação em %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE.

O crescimento do setor industrial foi em grande parte movido pela indústria de transformação, que foi o grande destaque do setor, apresentando um acréscimo de 5,7%. Alguns itens foram responsáveis por este aumento, dentre eles, a produção de materiais elétricos. Ocorreu também um aumento de 5,0% referente à indústria da construção civil, além do crescimento de 3,8% do grupo "água, gás, esgoto e limpeza".

Figura 38 - Produção física industrial por subsetor industrial de energia - taxa (%) trimestre/mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE

Quanto às participações da energia para o desempenho do setor industrial, estas são relativas aos seguintes itens: gás, carvão, álcool, petróleo, e derivados do petróleo. A produção por subsetor industrial de energia apresentou crescimento para a extração de petróleo e gás natural (1,27%), bem como para o refino de petróleo (39,52%). De maneira inversa, houve um recuo na extração de carvão mineral (-10,71) e na produção de álcool (-5,19%), como pode ser observado na figura 38.

No comparativo com o segundo trimestre de 2007, na série com ajuste sazonal, o crescimento do PIB foi de 1,7%. A agropecuária cresceu segundo uma taxa de

7,2%, sendo este o setor de maior desempenho. Os setores indústria (1,8%) e serviços (1,2%) vieram em seguida.

No acumulado dos últimos quatro trimestres – do quarto trimestre de 2006 até o terceiro trimestre de 2007 – o PIB apresentou variação de 5,26%, em relação ao mesmo período acumulado do ano anterior.

Quanto aos indicadores agrícolas, foram registradas variações quanto à produção da cana de açúcar (0,1%), da mamona (-3,9%), e da soja (0%), no mês de outubro, se comparadas ao mês imediatamente anterior. Já com relação a outubro de 2006, as variações foram de 9,2% para a cana, 11,8% para a mamona e -6,3 para a soja.

INFLAÇÃO

O Índice de Preços do Consumidor Amplo - IPCA- de novembro registrou variação de

Aumento no preço dos combustíveis veiculares contribuiu para aumento do IPCA no trimestre. 0,38%, sendo maior em 0,08 pontos percentuais do que o índice do mês anterior (outubro de 2007).

No acumulado de 2007 (até novembro), o índice ficou em 3,69%, pouco acima daquele referente ao mesmo período de 2006 (2,65%). Em novembro de 2006, o IPCA foi de 0,31%.

Tabela 9 - Estrutura de ponderação do IPCA e variação no mês de novembro/07 e no trimestre (ago/07-nov/07) dos itens de energia

	Peso	VARIAÇÃO PERCENTUAL	
		nov/07	set-nov/07
IPCA	100	0,38	0,86
Habituação	13,33	0,41	0,93
Combustíveis e energia	4,731	0,14	-0,99
Combustíveis (domésticos)	1,2665	-0,06	0,71
Carvão vegetal	0,0024	0,24	1,28
Gás de botijão	1,1708	-0,07	0,69
Gás encanado	0,0933	0,06	0,86
Energia elétrica residencial	3,4645	0,22	-1,58
Transportes	20,3667	0,38	0,34
Combustíveis (veículos)	4,9422	0,94	0,39
Gasolina	4,4266	0,64	0,20
Álcool	0,3253	5,29	2,50
Óleo diesel	0,0845	0,16	-0,15
Gás veicular	0,1059	0,43	1,69

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE.

No trimestre de setembro/2007 a novembro/2007, o IPCA acumulou alta de 0,86%, sendo as variações dos itens habitação (0,93%) e transportes (0,94%) relevantes, já que ambos têm peso alto na contagem do IPCA. No item habitação, o sub-item “combustíveis e energia” apresentou um declínio de 0,99% no trimestre. O índice de energia elétrica residencial, que declinou 1,58% no trimestre, explica em grande parte esta depreciação do grupo de combustíveis e energia. Também interferiram neste último resultado, porém com um peso mais modesto, o carvão vegetal, o gás de botijão e o gás encanado, que variaram conforme taxas de 1,28%, 0,69% e 0,68%, respectivamente. Pertencente ao item “transportes”, o sub-item “combustíveis para veículos” apresentou variação de 0,39%, explicado pela variação do preço da gasolina (0,20%), do álcool (2,50%), do óleo diesel (-0,15%) e do gás veicular (1,69%).

Tabela 10 - Variação percentual do IPA, IPC e INCC, assim como dos subgrupos de maior influência no resultado

	Set	Out	Nov
IGP-M	1,29	1,05	0,69
IPA	1,83	1,42	0,97
Bens Finais	0,57	0,80	1,13
<i>Combustíveis</i>	-0,17	-0,52	nd
<i>Alimentos "in natura"</i>	0,33	6,38	nd
Bens Finais (ex)	0,73	0,24	0,47
Bens Intermediários	0,54	0,45	0,39
<i>Combustíveis e Lubrificantes</i>	0,84	-0,16	nd
Bens Intermediários (ex)	0,46	0,62	0,26
Matérias-primas Brutas	5,85	3,89	1,79
<i>Soja em grão</i>	11,89	nd	nd
<i>Cana-de-açúcar</i>	-2,03	-0,34	nd
IPC	0,21	0,28	0,04
Transportes	-0,37	-0,18	0,04
<i>Álcool Combustível</i>	-4,26	-1,61	1,28
<i>Gasolina</i>	-0,67	-0,54	-0,19
Habitação	0,47	0,07	0,00
<i>Tarifa de Eletricidade Residencial</i>	0,20	-1,29	nd
INCC	0,39	0,49	0,48

Nota: Bens Finais (ex) – exclusive alimentos "in natura" e combustíveis para consumo. Bens Intermediários (ex) – exclusive combustíveis para a produção.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE.

O índice geral de preços IGP-M de novembro foi de 0,69%, sendo constituído pelo Índice Geral de Preços por Atacado (IPA), pelo Índice de preços do consumidor (IPC) e pelo Índice Nacional de Custo da Construção (INCC).

A variação do IPA, principal propulsor do movimento ascendente do IGP-M, foi de 0,97% no mês de novembro. O grupo de produtos "Bens Finais" variou 1,13%. O índice dos bens finais (ex), ou seja, após a exclusão dos combustíveis e alimentos "in natura", variou 0,47% em novembro. Já o índice dos bens intermediários variou, em novembro, conforme uma taxa de 0,39%. Após a exclusão dos combustíveis e lubrificantes, o

índice (ex) passa a ser 0,26%. As matérias primas brutas variaram no mês a uma taxa de 1,79%.

O IPC variou 0,04% em novembro frente à variação de 0,28% de outubro. A maior influência negativa vem do grupo alimentação (0,64% em outubro para -0,10% em novembro). O item transportes passou de -0,18 em outubro para 0,04% em novembro, sendo esta a única taxa, das sete classes de consumo que compõem o IPC, que cresceu no mês. As influências do álcool e da gasolina para este resultado foram, respectivamente, 1,28% e -0,19%.

O INCC aumentou em novembro segundo uma taxa de 0,48% frente à variação de 0,49% que ocorreu em outubro. Este índice é composto por três grupos: serviços, materiais e mão de obra. Somente o grupo materiais variou negativamente passando de 0,98%, em outubro, para 0,67%, em novembro. O custo da mão de obra aumentou de 0,05% em outubro para 0,21% em novembro, devido ao reajuste salarial que ocorreu em Recife.

BALANÇA COMERCIAL

No trimestre de agosto a outubro de 2007, o total exportado no Brasil somou US\$ 45.033,53 milhões. Neste trimestre, a variação de valor do total brasileiro exportado foi de 15,92%, se comparado ao mesmo período do ano anterior. Sobre o valor total, as contribuições do álcool etílico e do petróleo e seus derivados foram de 1% e 10,3%, correspondendo aos valores em milhões de US\$ 432 e US\$ 4.628, respectivamente. Ainda

comparando ao mesmo trimestre de 2006, o valor exportado do álcool variou a uma taxa de -37,8%, enquanto petróleo e seus derivados tiveram valor total exportado aumentado em 20,4%. Desmembrando o grupo petróleo e derivados, observamos, em termos de variação trimestral, os resultados a seguir: gasolina (18,18%), óleos combustíveis para consumo de bordo (24,30%), óleos e combustíveis (38,91%), óleos lubrificantes (-49,43%), petróleo bruto (17,05%) e demais derivados do petróleo (14,92%).

O volume total exportado no trimestre em questão foi acrescido de 9,43% sobre o volume final exportado no mesmo trimestre de 2006. Também houve, nesta mesma base de comparação, acréscimo para o petróleo e seus derivados e para a gasolina (que está incluída neste grupo) nas taxas de 6,92% e 19,78%, respectivamente. Já para o álcool, ocorreu uma perda de volume exportado no valor de 19,92%. O preço médio de exportação em outubro do grupo "petróleo e derivados do petróleo" foi de US\$486,88/T (dólares por tonelada) variando a uma taxa de 34,92% de novembro de 2006 para outubro de 2007. Para o álcool, o preço médio e a variação correspondente a outubro foram de US\$493,52/T e -22,44%.

No trimestre de agosto/2007 a outubro/2007 o total importado foi de US\$34.590,41 milhões. O valor importado no trimestre foi acrescido de 33,08% do valor total importado no mesmo período do ano de 2006.

O grupo denominado "combustíveis, lubrificantes, minerais e produtos conexos"

representa uma parcela de 18% do valor total importado no trimestre agosto-outubro de 2007, correspondendo a um valor de US\$65.260 milhões. A variação do valor exportado por este grupo no trimestre em discussão foi de 25% sobre o valor das exportações do grupo no mesmo trimestre do ano passado. Podemos obter estes mesmos resultados para alguns subgrupos do agregado "combustíveis, lubrificantes, minerais e produtos conexos". A tabela 15 desagrega o grupo dos combustíveis em três subgrupos: "hulha, coque e briquetes", "petróleo, derivados e produtos conexos" e "gás natural e manufaturado". A parcela sobre o total exportado pelo país no trimestre para cada um dos subgrupos é de 1,42%; 15%, 1,65%, respectivamente. Os resultados quanto às variações sobre o total exportado no mesmo trimestre do ano anterior para cada subgrupo são os seguintes: 10,68%; 28,21%; 13,41%.

A variação trimestral em volume foi de 10,44% para o total importado no comparativo com o mesmo trimestre do ano anterior. O preço médio de importação do grupo "combustíveis, lubrificantes, minerais e produtos conexos" registrado em outubro de 2007 foi de US\$371,35/T, o que significa um aumento de 10% sobre o preço médio deste mesmo grupo em outubro do ano passado. Para o gás, o preço médio de outubro foi US\$581,71/T, apresentando uma apreciação de 15,69% sob os mesmos parâmetros comparativos.

Tabela 11 - Importações de combustíveis

	milhões US\$ FOB						Volume
				Trimestre			
	out/07	Part. % s/total	Variação % 2007/2006	ago/out-07	Variação % 2007/2006	Part. % s/total	
Total Geral	12.330	100	41	34.590	33	100	10
Combustíveis e lubrificantes, minerais e prods.conexos	2.168	18	29	6.259	25	18	16
<i>Hulha, coque e briquetes</i>	193	2	12	493	11	1	19
<i>Petróleo, produtos derivados de petróleo e prods. Conexos</i>	1.777	14	36	5.190	28	15	17
<i>Gás Natural e Manufaturado</i>	195	2	-1	571	13	2	8

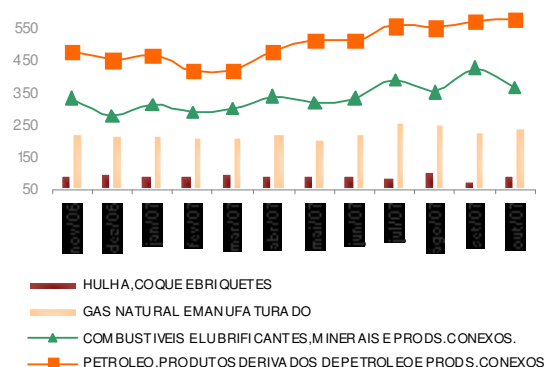
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SECEX.

Tabela 12 - Exportações de combustíveis

	milhões US\$ FOB						Volume	
	out/07	Part. % s/total	Variação % 2007/2006	Trimestre		Part. % s/total		Variação trim. % 2007/2006
				ago/07 a out/07	Variação % 2007/2006			
Total Geral	15.768	100	24	45.034	16	100	9	
Petróleo e derivados de petróleo	1.698	11	98	4.627	20	10	7	
Gasolina	169	1	248	543	18	1	20	
Óleos e combustíveis para consumo de bordo	252	2	53	786	24	2	12	
Óleos e combustíveis	257	2	162	639	39	1	8	
Óleos lubrificantes	4	0	59	16	-49	0	-58	
Óleo brutos de petróleo	1.009	6	88	2.612	17	6	5	
Demais derivados de petróleo	7	0	-19	31	15	0	-10	
Álcool etílico	129	1	-53	432	-38	1	-20	

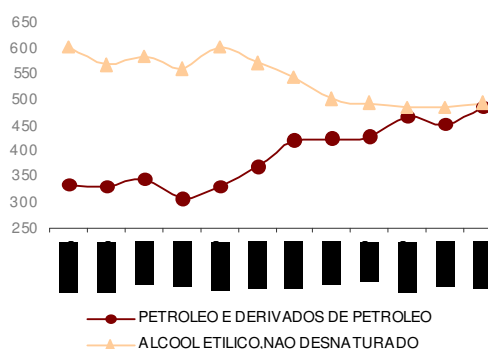
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SECEX.

Figura 39 - Preço-médio das importações de combustíveis (em US\$/ton)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SECEX.

Figura 40 - Preço-médio das exportações de combustíveis (em US\$/ton)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SECEX.

3. Referências Bibliográficas

ANP – Agência Nacional do Petróleo. www.anp.gov.br

BP – British Petroleum. www.bp.com

EIA/DOE. *INTERNATIONAL ENERGY OUTLOOK. 2007.*

GasNet - www.gasnet.com.br

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. www.agricultura.gov.br

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. www.desenvolvimento.gov.br

OPEP – Organização os países produtores de petróleo. www.opec.org

PETROBRAS - www.petrobras.com.br

PLATTS - www.platts.com